

“DEVIR-TERRITÓRIO”: ARTISTA/PROFESSOR/PESQUISADOR

LISLAINE SIRSI CANSI¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – lislaine_c@yahoo.com.br¹

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto resulta de um projeto de microintervenção construído a partir do conceito de "território", desenvolvido mais especificamente num trabalho para a disciplina Tópicos Especiais I - Poéticas audiovisuais: dispositivos ecosóficos para a produção e o ensino da arte, coordenada pelo professor Cláudio Tarouco de Azevedo, no curso de Mestrado em Artes Visuais. O projeto de microintervenção implica em uma micropolítica voltada a uma pequena coletividade, neste caso, à sala de aula escolar.

Tal conceitualização, marcadamente em sua retomada por Guattari e Deleuze, amplia a categoria do "território" para além do conceito geral de senso comum sobre o espaço geográfico. Aqui "território" é um "espaço de apropriação", espaço portanto formado pelas relações construídas entre os sujeitos sociais que o integram. Assim, três territórios tornaram-se relevantes para pensar o desenvolvimento do projeto de microintervenção, sendo eles o do artista, o do professor e o do pesquisador de arte, todos vivenciados por mim, em diferentes momentos e intensidades. Foram minhas experiências reais nesses três territórios, e no trânsito por entre eles, como "espaços apropriados", que conduziram minha pesquisa a uma perspectiva bastante inédita na área: "a poética na docência".

Esta proposta de microintervenção implica em fazer incidir nossa perspectiva em prol de uma determinada pequena coletividade, pois ela acontece em um pequeno espaço, seja educacional, social, comunitário, ou mesmo um espaço de convivência familiar. Propõe-se, portanto, uma intervenção num espaço específico ao qual se percebe em permanente e velada luta particular, promovida por alguma razão opressora, em crise frente aos valores naturalizados pela cultura contemporânea neste mundo massivamente densificado. A ordem, as regras, as leis, ditadas e alimentadas pelas forças régias das instituições que oprimem com seus discursos a construção de conhecimento. A atividade de microintervenção é política e é uma provocação à ordem opressora.

Especificamente, no campo das Artes Visuais, se consideramos as implicações relacionadas, de um lado, às subjetivações de um artista, de outro, ao mundo exterior compartilhado, principalmente se esse artista for também professor e pesquisador – atividades que nas práticas contemporâneas andam frequentemente juntas –, identificamos que o discurso hegemônico da educação brasileira pode ser combatido, estrategicamente, com uma série de micro-intervenções. Nesta microintervenção fica clara a proposta de maior autonomia na produção e na criação, considerado o espaço escolar, o território do espaço escolar, com todas as suas vicissitudes e potências não exploradas.

DELEUZE (1988-1989, p. 4), em entrevista a Pierre-André Boutang, faz uma série de considerações relacionadas ao território, ao uso do território, à vida relacionada ao território ao utilizar uma metáfora através da qual nos remete à

¹ Bolsista FAPERGS.

relação dos animais com seu lugar, referindo-se aos animais territorialistas (há animais sem território!), aqueles que se apropriam de seus territórios. Deleuze afirma o “território é o domínio do ter”. ZOURABICHVILI (2004, p. 20) considera o conceito de território a partir das escritas de Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, afirmando que o território é: “Marca constituinte de um domínio, de uma permanência, não de um sujeito, o território designa as relações de propriedade e de apropriação, e concomitantemente de distância, em que consiste toda identificação subjetiva [...]”.

Compreendemos que a noção de “empoderamento” de um dado espaço por um sujeito social é dependente das relações construídas por esse sujeito nesse espaço através da inserção de discursos, de produção, de objetos e da própria ocupação desse espaço pelo sujeito. E apenas a partir delas um sujeito se empoderaria de seu destino. Através dessas relações entre sujeito e espaço, advêm as experiências sendo estas responsáveis pela transformação do espaço em lugar já que, agora, este encontra-se impregnado de valor. TUAN (1983, p. 203) reconhece o conceito de lugar como “uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais [...]”. Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos”. Assim, nos aproximamos do que sugere CANTON (2009, p. 15), ao propor o conceito de lugar como “espaço particular, familiar, responsável pela construção de nossas referências no mundo”.

Considerando os conceitos de “território” e de “lugar”, a criação artística de um vídeo foi pensada na pequena escala, num possível elemento transgressor ao sistema escolar opressor. No Brasil, aos alunos não é proporcionado espaço de criação nem de reflexão, os quais são somente receptores de dados, numa total falta de relação entre as subjetividades e a exterioridade do mundo. Vivemos num país que desconhece o processo dialético. O projeto do vídeo emerge como potência para que se possa pensar práticas docentes para a sala de aula, simples e de fácil agenciamento, com atividades de criação e reflexão para os estudantes.

Assim, proponho um processo de criação que se dê na sala de aula, processo no qual a possibilidade de trabalhar as potências cognitivas e afetivas dos alunos aconteçam de fato. Tal processo se baseia na replicação das práticas poéticas desenvolvidas por algum artista, práticas desenvolvidas na construção de uma poética considerada, então, como poética de referência. Em específico, neste caso, a reflexão e a produção artística se darão a partir da criação de um vídeo, considerando o conceito de “território”. O aluno, instigado a fazer tal vídeo, experimentaria assim modos da Arte, o “pensamento da Arte”.

A fundamentação teórica deste trabalho está estruturada em Félix Guattari, Gilles Deleuze, Yi-Fu Tuan e Kátia Canton, autores que se vinculam às questões de território, espaço e lugar, e mais largamente integrada às reflexões do Grupo de Pesquisa *Artefatos para Leitura e construção do ‘pequeno território’*, coordenado pela professora Renata Azevedo Requião.

2. METODOLOGIA

Primeiramente foi preciso pesquisar sobre os conceitos de “devir” e de “território”, para compreender do que se constitui o “devir-território”. Apenas depois disso foi possível propor avaliar sua presença na prática docente. No segundo momento, munida desses dois conceitos e do conceito de “olho vibrátil” (ROLNIK, 1997), foram realizados deslocamentos em meu território de artista-professora-pesquisadora para observá-lo e para atentar a seus devires. Neste segundo momento, foram consideradas também as três ecologias (mental, social e ambiental) das quais trata Guattari (1990). O terceiro momento foi o da criação

de um vídeo, o qual se dobra sobre a questão do “devir-território”, e se utiliza do método cartográfico e do pensamento rizomático. No quarto momento, destaco categorias retiradas do vídeo para pensar propostas pedagógicas para a sala de aula escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

DELEUZE (1987) afirma que é a “necessidade” a causa do fazer criativo e que em nome da criação se diz algo a alguém. Essa necessidade de criar é enfatizada também pela artista e teórica de arte Fayga Ostrower. Em seu livro *Criatividade e Processos de Criação*, a autora (1983, p. 10) afirma que “O homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa, ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando”.

Meu desejo é de perceber os alunos criadores e não apenas passivos frente à arte. Ordenar, dar forma criando, são necessidades que os alunos demonstram frequentemente no cotidiano escolar. Oportunizar espaço de criação é oferecer espaço para a autonomia, para o crescimento cognitivo e sensível, para que os alunos possam fruir arte a partir de suas criações.

A atribuição de práticas propositivas no espaço escolar a partir de reflexões advindas do vídeo, do território do artista (ecologia mental), aproxima o pensamento da arte do território escolar (ecologias social e ambiental). A discussão referente a esse movimento é pensada em duas etapas, primeiramente segundo questões relacionadas à criação do vídeo, posteriormente através de uma reflexão capaz de abarcar categorias advindas do vídeo criado por mim para pensar práticas pedagógicas.

1. Criação do vídeo: o vídeo resulta de uma experiência de deslocamento por algumas ruas da zona do Porto, em Pelotas. Ruas que integram um território vivido e vido da artista, seu território atual. Registra-se ali situações cotidianas, porém somente visíveis dada a condição do percurso, da caminhada, do método cartográfico. Ao caminhar se atenta aos detalhes, prenes de devires e *clinamens* presentes no território. Os devires são compreendidos como tudo aquilo que pode surgir internamente ou a partir de coisas externas ao sujeito, logo, “devir é um estar em transformação”. Já, os *clinamens*, são os desvios no caminho, assim definidos por AZEVEDO (2014, p. 191), como “uma força que pode contribuir para aprendermos a lidar com o novo sem temer e com vias a potencializar e promover transformações instituintes”. Percorrer caminhos no espaço urbano cotidianamente vivido, ao qual não vemos já que muitas vezes somos reféns do tempo, nos força a focar numa perspectiva que é a da arte, quando estamos abertos ao peculiar, ao que chega com o instante, à multiplicidade. Explorar a visualidade do espaço considerando os devires e os *clinamens* permite dar peculiar visibilidade ao território.

2. Pensamento reflexivo a partir do vídeo para a sala de aula escolar: a aproximação do “pensamento da arte” da sala de aula escolar, a partir da criação do vídeo, é possível através da categoria da “ecologia social”. Para GUATTARI (1990, p. 15), tal ecologia consiste em “desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc”. Aqui, a tentativa de modificação e reinvenção se daria no espaço escolar com os estudantes, a partir de propostas pedagógicas estruturadas com categorias retiradas do vídeo, desenvolvido por mim. Por exemplo: liberdade, segurança/insegurança, equilíbrio/desequilíbrio, singularidade/alteridade, solidariedade, saúde pública, saúde emocional, a

“poética do frio”, o limite do tempo e do espaço, encontro/desencontro, continuidade. Tais categorias dariam início a um pensamento reflexivo abrangente sobre território para, em seguida, considerando o território do estudante de artes, produzir e pensar artisticamente.

4. CONCLUSÕES

A utilização do “devir-território” como questão e a consideração das três ecologias de Guattari para a criação de um vídeo, e a reflexão sobre este a partir de algumas categorias se mostraram atividades muito potentes. Produzir um vídeo relacionando a arte como modo de subjetivação (de conhecimento, de cultura, de sensibilidade, de sociabilidade), considerando o paradigma ético-estético através das três ecologias implica em atentarmos para a percepção do território, como uma atitude política frente ao mundo. A criação do vídeo, pautada pela ecologia mental da artista, e a reflexão acerca do território, permitiram aproximar o pensamento da arte à sala de aula escolar, instigando e alimentando certa mudança de perspectiva no que concerne ao território dos alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, C. T. de. Ensaio Textual: Desdobramentos de uma pesquisa cartográfica com Arte e Educação Ambiental. **Paralelo 31**. Revista do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais, Centro de Artes, UFPel, Pelotas, Edição 02 (setembro/2014). p. 190-203. 2014.
- BARROS, M. de. **O livro das ignoranças**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1994. Acessado em 05 nov. 2014. Online. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000127.pdf>
- BOUTANG, P.-A. **Entrevista: O Abecedário de Gilles Deleuze**. Éditions Montparnasse, Paris, 1988-1989. Acessado em 05 jan. 2015. Online. Disponível em: [Abecedário+G.+Deleuze.pdf](#)
- CANTON, K. **Temas da Arte Contemporânea: Espaço e Lugar**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- DELEUZE, G. **Palestra: O ato de criação**. 1987. Edição brasileira: Folha de São Paulo, 27/06/1999. Tradução: José Marcos Macedo. Acessado em 20 jan. 2015. Online. Disponível em: [O ato de Criação00E7u00E3o - Gilles Deleuze.pdf](#)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol1. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. (2ª ed.).
- GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade: Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D. (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papirus, 1997. Cap.3, p.25-34.
- TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Lúcia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.
- ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Tradução: André Teles. Rio de Janeiro: S/E, 2004. Acessado em 20 jan. 2015. Online. Disponível em: [Zourabichvili-O_vocabulário_de_Deleuze.pdf](#)